

REDATORES:

Cecílio J. Carneiro
João Marques de Castro



Diretor — GIL SPILBORGHs



ANO I

Periódico literário,
humorístico e noticioso

Faculdade de Medicina de São Paulo, 27 de Abril de 1933

Redação:
Avenida Dr. Arnaldo

N.º 2

HA VINTE ANOS...

Foi ha vinte annos. Alli na rua Brigadeiro Tobias, num casarão que dizem ter pertencido á Marquês de Santos; em que a Faculdade se installou modesta e poeticamente. Poeticamente, sim.

Seu jardim nos fundos, suas arvores enormes e seculares, suas roseiras antigas, suas trepadeiras agarradas lyricamente ao muro; e o romance de haver sido a moradia da primeira paulista que elevou São Paulo Provincia, ás honras de côrte. E então tudo isso não é poetico?

Arnaldo Vieira de Carvalho sonhou e realizou...

Por isso, aos 2 de Abril de 1913, ás 9 1/2 horas, no amphitheatro de physica da Escola Polytechnica, cedido gentilmente, são abertos os cursos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, com a aula inaugural de physica medica.

Durante algum tempo funcionou em salas da Polytechnica e Alvares Penteado, até que se installou no casarão da rua Brigadeiro Tobias.

Dalli por diante a Escola foi ganhando fama e foi crescendo no conceito dos scientistas.

Achou-se pequena. Construiu-se um pavilhão no Araçá que era o primeiro de alguns outros e que ficou nisso. Mas a Escola continuara a crescer e a progredir como um destino em marcha... Acompanhava dessa maneira o rythmo da cidade maravilhosa que se estendia por valles e morros e jogava para o espaço as columnas esguias dos seus arranha-céus, quaes novos bandeirantes do infinito.

Veio a Fundação Rockefeller. Firmaram-se contractos. Uma commissão foi aos Estados Unidos, visitou seus estabelecimentos de ensino medico. No Dominio do Canadá e Europa fez a mesma cousa. Esteve em mais de duzentos institutos de ensino medico e pesquisas scientificas. Tudo ficou estudado. Tudo prompto.

E um dia, um pedreiro sonhador desenhou uma planta. Um bloco formidavel, de proporções gigantescas. Ahi seriam installados todos os laboratorios do estudo pre-clinico.

Começaram os trabalhos. Carroças, automoveis, vigas de aço; aqui uma columna, mais adiante outra, homens e homens...

E a gente que ainda estudava modestamente no casarão romantico da rua Brigadeiro Tobias, ia de vez em quando espiar a obra monumental de cimento armado que crescia lentamente...

Enthusiasmados, exclamavamos: Ah! quando estivermos aqui! Estamos hoje aqui. Estamos na Escola nova e estamos tambem com uma profunda saudade que nos assalta e nos agarra, do nosso casarão cheio de lendas e romance.

Salas pequenas, a maioria das cadeiras sem encosto e a palhinha do assento quasi sempre rasgada.

As aulas do professor Milward "da

vez passada" Ruidos de jornaes lidos e disputados. No jardim, sob as janellas da nossa sala de aula, ás vezes passava um estudante cantando, que por haver perdido a aula ou por vadiagem, ficava por alli olhando as flores e espantando as maguas.

Quanta intimidade na Escola velha e boa! Até os professores eram mais simples. Hoje, alguns estão importantes. Cresceram no próprio conceito com o tamanho da Faculdade. Methodo comparativo. Faculdade grande...

Na antiga, tinhamos sabios de verdade. Brumt veio do velho mundo para dar lições alli na rua Brigadeiro Tobias. Esse mesmo Brumt que tem um tratado de parasitologia muito nosso conhecido. Travassos que anda lá pela scientifica Alemanha ensinando. Milward, Milward, como diziamos. O professor Milward como lhe chamavam os seus collegas. Milward que morreu de saudades. Pouco importa que summidades clinicas digam que morreu de molestia incuravel e complicada. Nada disso. Estou convicto de que morreu de saudades. Era um sentimental sob aquelle seu aspecto de bohemio, de sceptico e de sabio. Morrendo a velha Escola, era o seu segundo amor que lhe arrancavam sem mais nem menos, como a força de um destino.

Quantas vezes não o vi chegando a nova Escola, com o passo mais pesado, o chinello gritando mais arrastado no cimento e, sua cabeça recurvada, pensativo, mais triste ainda. Já não era o mesmo. Estava desambientado. Modesto como era, sentia-se pequeno dentro dos seus enormes laboratorios. E foi-se. Talvez pensando ser incompetente para ficar aqui entre nós, dando aulas, dentro desta Escola monumental que dizia ironicamente, ser a megalomania de um sonhador...

Escola velha! Dos pães comprados á porta nos intervallos das aulas. Conhecia-se todo mundo. Até os transeuntes que vinham para o almoço ou iam para o serviço...

Vinte annos de vida transformaram-na.

Fizeram de você uma cousa extraordinaria. Extragaram com você. Escola simples.

A gente já nem pode entrar pela sua porta principal, já nem se pôde andar pelos seus corredores. Nem se pôde pisar as suas escadas de marmore. Isso só para as visitas e as summidades scientificas da Escola.

Você ficou importante, já não tem para nós aquelle mesmo ar maternal quando entravamos pelas suas portas. Era acolhedora, naquelle casarão simples, de recordações coloniaes. Era amiga companheira dos seus alumnos.

Agora, nos acolhe pela porta dos fundos e nos recebe no porão. Nada de intimidades. Tudo difficil. Nós se não fossem tantos annos de convivencia, tambem a desprezariamos. Mas não se pôde. O passado vem e pula em nossa frente. Os velhos mes-

tres, as salas descoradas, as cadeiras velhas, as aulas e depois o pão gostoso dos intervallos. Fica-se então com a lembrança da Escola antiga e se esquece de toda a sua empáfia do presente. E perdoamos, Faculdade afim-gá. Perdoamos sinceramente a você e aos que a tornaram grande e importante, orgulho de São Paulo e deslufbramento dos visitantes. Você ficou soberba, por isso não nos dá importância. Nós perdoamos. Não fosse você a nossa velha amiga.

Integrada no rythmo progressista da sciencia, evoluiu, cresceu e vai gloriosa, sempre para adiante, victoriosa como um destino em marcha...

Só nós somos os mesmos, saudosos do casarão antigo, onde revivia em cada sala, em cada tecto donde descia magestoso um candelabro deslumbrante a lembrança do São Paulo-Piratinha, do São Paulo Bandeirante, do São Paulo Colonial, guardando na memoria ás lições do professor Milward e ás piadas dos collegas que comnoscô lá viveram e hoje nos deixaram com a Escola nova.

Vinte annos de vida! Faculdade de São Paulo! Nossa Escola!

Gil Spilborghs.

Porque a Faculdade de Medicina de S. Paulo, não toma parte no Congresso Universitario

Os jornaes do Rio publicaram o seguinte telegramma:

RECIFE, 20 (A. B.) — O professor Lins e Silva, justificando ter deixado de dar aulas na Faculdade de Medicina, hontem, fê-lo com a seguinte declaração na caderneta:

"Declaro que deixo de dar aulas, como preto de homenagem ao soldado Pernambucano, que hoje chega dos campos de S. Paulo, onde foi defender a integridade moral, politica e territorial da patria brasileira, associando-se a esse feito historico um pugillo de bravos academicos desta Faculdade"

Ainda não é tudo. Do "Diario da Manhã", de Recife, temos a photographia dum artigo, que para aqui transcrevemos.

Marupira Ferreira Lopes, soldado da 5.ª Companhia do 3.º R. I. — Que-luz — "Recebi sua cartinha e não avalias a alegria que tivemos ao saber que ias em paz. Ao mesmo tempo recebi uma de tua mãe, pedindo a mim noticias tuas. Immediatamente respondi, enviando junta a minha carta a tua. Não se esqueça de mandar noticias tuas. O resto eu sei avaliar.

Aqui ficamos todos em paz, pedindo a Deus a tua felicidade e nossa alegria.

Peço-te que quando pegares um paulista, sangue e beba o sangue. Eu já não segui por causa da velha mãe e dos meninos, senão já tinha comido uns cem vivos desses paulistas covardes trahidores e despatriados, pois os chamo assim porque merecem, desde que brigam com seus próprios irmãos.

Recommendações aos irmãos do "front", que lutam para o socego do nosso querido Brasil e de nossos irmãos. Peço-te noticias urgentes da derrota dos paulistas e da tua saúde.

Do primo Alfredo Alves Seixas".

Parece que não preciso dizer por-

que a Faculdade de Medicina de São Paulo não toma parte no Congresso Universitario. Ella que deu para a causa de São Paulo todos os estudantes. Ella que palpitou com os que morreram e chorou com os que choraram.

Mas não é só isso. Como sentarem-se, numa mesma sala, como camaradas, como amigos, sorrindo-se quando o odio os separa? Si somos odiados, si somos trahidores; por um sentimento de pudor não podemos nem queremos hobrearmos-nos com gente de tão alta linhagem e tão patriotas.

Depois, juntos com gente antropophaga ou pelo menos com desejos antropophagicos, correriamos o risco pelo menos, de ser comidos de um momento para outro.

E não nos venham dizer que aquella carta acima não merece importancia. Merece sim. Porque é a traducção real do que sentia o povo de Pernambuco que Deus haja e os conserve bem longe de nós.

E tal era o espirito de lá que até o professor Lins e Silva, anotára na sua caderneta: deixo de dar aula como preto de homenagem ao soldado Pernambucano que foi defender a integridade moral, politica e territorial da patria brasileira.

Si o senhor Lins e Silva não tivesse preparado e cultura, diria da mesma forma que o soldado civico e patriota seu Alfredo Alves Seixas.

Em todo o caso, dou um pouco de razão ao sr. Lins e Silva. Tinha receios que nós fossemos talvez roubar-lhe um pouco de terra do adorado torrão de Pernambuco.

Eis pois o nosso reactivo. Talvez sentimental pensem uns, não é.

Puramente por um sentimento de pudor que o paulista sabê honrar e cultuar até a morte.

Magnetismo

Viviano Fernandes abriu os olhos a primeira coisa que reconheceu foi a enfermaria da prisão de N...; a custo coordenou mais algumas idéas que estavam confusas no seu espirito ainda sombrio.

Consciente, experimentou uma sensação insupportavel de desapontamento. Sim! Aquillo era uma prisão onde esbarravam seus sonhos gigantescos que iam morrer na obscura mediocridade, completamente ignorados do mundo.

Como se dêra tamanho descalabro em sua vida? Um dia, ainda adolescente, mirou-se num espelho e fez considerações serias sobre a sua figura. Descobriu que não era vulgar, mas era uma figura de genio; então, á luz mestiça que lhe bruxoleava no fundo dos olhos, deu grandes proporções de esplendor.

Desde esse dia procurou uma vida perfeita, que sobrepujasse a todas as outras, á delle proprio; numa ancia desesperada de sublimação viveu, assim, artificialmente, ora chamando para si certas qualidades, ora despojando-se de outras. Aprofundou-se em estudos extranhos, diferentes daquelles de que poderiam resultar conceitos comprehensíveis aos seus sehelhantes. E das suas meditações sobre o éther, o átomo, a metempsicose e o cáos, resultavam rebeldes neurasthenias, exaltações e blasfémias. Como o doutor Fausto, cahia, quando mais queria subir.

Por fim, dedicou-se ao estudo do magnetismo; vivia a pensar nas "correntes mentaes" de Turnbull, nas experiencias de Mulford, Durville, Atkinson e Edgar Poe, julgando-se dotado, ao fim de certo tempo, de grande poder espirital. E para pôr em prova esse poder, deliberou magnetizar um individuo estúpido, em plena rua. Porém este não gostou daquelles olhares extranhos e espancou-o barbaramente no passeio. Viviano, moído, accusado de desordeiro, accordava agora na vergonhosa N..., entre ladrões e assassinos.

* * *

A seu lado, estava acamado um sujeito vermelho, muito alegre e conversador.

— Desde quando estou aqui? perguntou-lhe Viviano.

— Desde hontem á noite. Dizem que uma febre o privou dos sentidos por todo esse tempo. Já sei por que está aqui. Não foi você que quiz roubar um judeu, hein? Bom, talvez não, mas aqui todos são ladrões.

— Você também?

— Não. Trabalho no campo vizinho á aldeia que tem o nome desta prisão. Como necessitava de uma operação urgente, fui remetido para esta enfermaria. Acha-me com cara de ladrão? Que diria a minha pobre Marcella se pensassem assim de mim... Oh! Tenho até vergonha de pensar em tal. Ladrão... Olha, chamo-me Albino Genaro dos Santos e nunca tive mancha na vida...

"Em creança, quando vinha da escola, corria aos campos de meu pae para deitar-me á margem do correjo fresco, e atirar tudo o que encontrava á agua; divertia-me com o ruído da quédia dos objectos — pluff! pluff! — até que me vinham chamar para o almoço; eu montava então uma égoinha branca e atravessava o pasto no meio de muitos animaes, dando-lhes palmadas na minha passagem..."

"Cresci forte, sem nunca ter tido doença alguma — essa agora é devido a uma quédia — e quando conheci Marcella, comeci a achar a vida mais bonita... Casei-me com ella. Eu a amo. Se soubesse como é boa..."

Durante a simples narrativa, Viviano contemplava o companheiro com um sorriso amargo e, ao fim, sentiuse commovido.

Comparou sua vida com a do vizi-

nho. Sem duvida era menos, muito menos perfeita! Divagar inutilmente, ter sonhos doidos, ter pretensões utópicas que vão dar no nada, ter atrozes insomnias e alimentação pessima—era viver? Emquanto o outro, sacudido e optimista, seguia normalmente as leis que a sua vida lhe ditava, tinha ainda nos olhos o reflexo da verdura do campo, do sol ardente e do amor da sua "pobre Marcella"...

Imediatamente Viviano reconheceu todo o seu erro: escolhera um lugar que não lhe competia na vida e o resultado fôra soffrimento, desgraça e vergonha...

Mas agora sabia a orientação que havia de tomar; a sua innocencia seria naturalmente reconhecida e elle, livre,

Conto de Alleluia

Havia tres annos que o mestre dissera aquellas palavras. Entre outras muitas, aquellas, elle não as comprehendera. Nem só de pão vive o homem, dissera Jesus.

E só agora, naquelle dia percebera o fundo daquellas palavras. Nunca presentimentos o haviam assaltado assim. Quando começava perder o sentido das cousas, apparecia nas trevas uma sombra que o trazia a realidade. Sim. Só agora attingira o fundo daquellas palavras. Desde quando seguia o mestre nunca olhára para o passado, nem pensava no futuro. E desde que, naquelle dia seguindo ao lado de João, pela estrada serpenteante, por aquellas collinas cobertas de oliveiras, viu com um cantaro á mão, aquella galilea de olhos azeitonas, pelle jamba e de madenas encaracoladas cahindo sobre os hombros, a sua existencia soffrera uma revolução enorme.

E naquella noite Judas de Kerieth não dormiu.

* * *

Sempre que o mestre ia a Hyerosolima, abandonando os retiros da Galiléa, com as suas collinas desdobradas numa harmonia tão poetica que o impressionavam fortemente na sua alma doentia de romantico; de todos que o seguiam, Judas era o unico que seguia tristonho.

Nas curvas do caminho voltava os olhos para traz como a querer vêr através ás distancias.

Elle era o unico que ia triste tendo no seu embornal os recursos da comitiva. Os outros já não alimentavam illusões. Só viam o Mestre, e por de traz delle o "reino dos pobres".

E elle agora já tinha com, que encher o seu passado, outróra tão vasio, viver um presente e pousar num futuro. Pobre Judas... Hyerosolima para elle era o carcere. O dever de acompanhar a comitiva nas horas dos perigos o acorrentava. Na cidade santa, legionarios, phariseos e christãos causavam-lhe odio. Si o Mestre viera alli era por causa delles. A uns porque queria desafial-os com o seu crêdo, a outros para confortal-os com a sua doutrina. Sentia o contrario lá na Galiléa. Alli queria a todos homens. Sentindo dentro de si o egoismo de viver os outros homens não o atormentavam porque não embarçavam o seu romance.

Na Galiléa tudo era verde e risonho, na çapital tudo era negro e triste.

* * *

Foi numa dessas vindas a Hyerosolima que um sentimento vago e indefinido o atormentou. Era um sentimento que não sabia explicar, identico áquelle que o assaltava quando lembrava de sua infancia, de seu pobre pae de sua mãe que abandonára, e que áquellas horas talvez estivesse a chorar por elle.

E quando a saudade, fez com que

pôria de lado o éther e a metempsicose. Pensava muito na vida do campo, num correjo fresco, numa adoravel Marcella...

* * *

Ao outro dia, cedo, Albino deu alta. Quando veio despedir-se de Viviano, este, num ultimo apêgo ao vicio antigo, teve uma tentação. Quiz fazer uma segunda experiencia magnetica e encarou o outro fixamente. Durante um minuto, ficaram silenciosos... De repente Viviano empallideceu e fechou os olhos. Fôra vencido e cedia á influencia do paciente da experiencia...

— Que é, amigo?

— Sei lá! Passa logo...

Despediram-se. Quando Albino transpoz a porta da enfermaria, Viviano mordeu os dedos, convencido inais uma vez da sua inutilidade...

Cecilio J. Carneiro

VIAGEM A GUARATINGUETÁ

O embarque da caravana academica de estudantes de medicina que vai a Guaratinguetá, dar-se-á sexta-feira, dia 28, ás 6,40 na Central (Norte).

A' noite desse mesmo dia haverá um espectáculo no Cine-Theatro Central, pelo choro dos academicos, com o apoio de gentis senhoritas da cidade.

Sabbado, 29. Pela manhã haverá jogos de tennis, exhibindo-se os campeões academicos da Capital.

A' tarde haverá jogo de Bola ao Cesto, Natação e Saltos de trampolim.

A' noite, grande baile nos salões do "Club Litterario"

Domingo, 30.

A' tarde, grande encontro de futebol entre o team da Faculdade de Medicina e um seleccionado local.

Chefiando a caravana vão os srs. Paulo da Silva Gordo (presidente do C. A. O. C.) e dr. José Martins Costa.

Director esportivo, Farid Chede. Director do choro, Hugo Ribeiro de Almeida. Director do "Bisturi", Gil Spilborghs.

Componentes da caravana: Choro, Tito e Hugo R. de Almeida, Arnaldo Pedroso, Ignacio Loyolla, Eulogio Martinez, Torres, Rubens Brito, Alvaro Armbrust, Antonio Cardoso de Almeida, Antonio Perella, Lucio de Oliveira, José Altenfelder, Helmeister, Luiz Coelho.

Esporte: Francisco R. Arantes, Claudino Amaral, Carlos Virgilio Savoy, Paulo Camargo, Luiz Bechelli, Adhemar Santos, Jorge Zaidan, Antonio C. Almeida, José Finochiaro, Luiz Pinto Toledo, Sylvio de Barros, J. J. Amari, Moreira, Junqueira, Ermete, Tranchesi, Berretini e Edgard Pinto Souza.

Tendo como fim altamente humanitario que é o de sustentar os postos de combate contra a syphilis que o Centro Academico "Oswaldo Cruz", creou em São Paulo, para applicações praticas de injeções e fornecimento das mesmas, para num dia futuro sermos uma raça forte. Disseminando o gosto pelo esporte, a caravana presta optimos serviços.

Levando seus esportistas, alguns já consagrados, em lides esportivas na Capital, ensinando aos novos athletas do interior a technica e o estylo que são tudo no esporte.

Por isso, anciosos esperamos da cidade e do povo de Guaratinguetá um acolhimento que só mesmo paulistas sabem offerecer.

Eduardo Maffei.

COLLEGAS!

Votar

na chapa unica

é ainda luctar

por S. Paulo!

A MORTE DE LEUCOCYTO

"O leucocyto é o heróe obscuro de todos os dias..."

(Coprostase-Metchnikoff)

Meu canto de morte.
Bacillos ouvi!
Sou filho de um baço,
Nu'm baço nasci.
Bacillos, descendo
Do tecido lymphoide
Que vêdes aqui.

Já vi crúas brigas,
De cellulas inimigas,
E as duras fadigas
Da phagocytose, provei.
Nos fôcos purulentos,
Senti virulentos,
Os productos violentos
Dos germens que odiei!

De aventuras, com sêde
Junto com meus pares,
Vaguei pela rêde
Dos taes capillares.
E vi nas arterias,
Grandes monocytos
Por extranhas bacterias,
Vencidos, afflictos.

E os tecidos atacados,
E os recursos exgottados,
E os leucocytos, coitados,
Sem fermentos — lysados.
E a hemácia gentil,
Servindo ao microbio
Que vinha hostil,
Trazendo o opprobrio.

Sob a acção das toxinas,
Meu ultimo amigo,
Lysado, sem abrigo
Desfez-me junto a mim.
Do terrivel miasma
Do seu protoplasma,
O acerbo máu cheiro
Commigó soffri.

Um eosinophilo ao meu lado,
Em parte lysado,
Nucleo arruinado
Firmava-se em mi.
Nós dois acossados,
Por germens esfaimados
Chegámos ao baço
A salvos emfim!

O eosinophilo no emtanto,
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só queria morrer.
Não mais me contendo:
Nos vasos me embrenho.
Dos fermentos que tenho
Me quero valer.

Estão lá na aorta,
Cahi prisioneiro,
De germens em saque
Que vinham da porta.
Á sorte, no baço,
Do velho eosinophilo
Tão má me parece
Que meu nucleo se entorta,
Se picnosa, entristece.

Eu era seu guia
Na torrente sanguinea,
A só alegria
Que a infecção lhe deixou.
Em mim se apoiava,
Em mim descansava,

E si phagocytava,
Devia-o a mim.
Neutrophilo que sou!

Ao eosinophilo no emtanto,
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto
Que resta nest'hora?
Já o vejo atacado
Por germen malvado,
Que nelle se assanha,
Seu nucleo abocanha,
Cytoplasma devora.

Não vil, não ignavo
Mas forte, mas bravo
Bacillos — me tendes!
Fazei-me morrer!
Minha patria vencida,
A familia já morta,
Mais nada me importa,
Não quero viver!

João Marques de Castro.

Poleiro do "Bisturi"

DR. JAYME CAVALCANTI.

Que o sino da justiça agora eu dobre
Nesta "badalação" mui' justiceira.
Ao apollíneo doutor e ao muito nobre
Rebento desta Faculdade inteira!

Da chimica um concurso elle descobre.
Zás, inscreveu-se. Simples brincadeira.
Sendo talento cousa que lhe sóbre,
Na propria banca vai passar rasteira!

Torcida? Nem se diz, vai ser geral.
De todos os alumnos por igual,
Para que tenha sorte o Cavalcanti.

Logares já não ha. Tudo vendido!
Dizem que o péga vai ser concorrido,
Como um concerto de café cantante!

Mag. Netto

Os dois Lampeões do dia treze

"Garçon, outro whisky" Dreyfus no Bucky".

A policia achou o alcool demais e se confraternizou connosco, fechando o baile.

Foi depois que um lampeão acceso se arrojou loucamente sobre o meu automovel e o reduziu a pêlo de ovo.

Esborrachado na sargeta, nariz sangrando, irritaram-me as gargalhadas da luzinha amarella do lampeão. Apalpei-me para conferir os ossos. Vinha um bonde sahidinho da estação. Vinha esfregando os olhos e bocejando. Optimo para quem está a pé. Montei. Pessimimo vehiculo o bonde. Monotonico como um amor romantico. Fechei os olhos e deixei o bicho circular. Descubri o barulho que faziam as suas rodas nos trilhos. Um barulho marron; fumegante. Feróz. Que atacava os outros rumores com os dentes, e os reduzia a papas melósas. Barulho de rythmo mysterioso como o da Petrushka de Strawinsky. De repente eu percebi que o meu barulho, como as trovoadas de um immenso orgão, começou a latejar qual os vagalhões de uma resaca. E foi se rythmando. Parecia um sino enorme que balançava o mundo nas suas badaladas. Foi crescendo. Era uma locomotiva monstruosa, que marcava lentamente as suas rodadas. A locomotiva movia-se. Vagarosamente, mas caminhava. E rodava mais depressa. Mais depressa. Em quatro tempos. Ainda mais depressa. Agora numa

debalada medonha parecia entrar dentro de uma noite escura. Só se percebiam as rodas gritar nas juntas dos trilhos. A machina crescia, estufava. Levantou-se dos trilhos. Esparramouse pelo negro do céu e virou uma tempestade. Uma borrasca terrivel. O vento ululante. O céu que vae desabar. Frenesi. Pavor.

Bum!!!

O bonde atropelou um caminhão. Senti-me de pernas abertas suspenso no espaço. Abri os olhos. Um lampeão acceso arrojára-se furiosamente e crescia para mim, como nas fitas de cinema.

Na assistencia accordei envolvido por enfermeiros que me olhavam com olhos de camello e bocca de hypopotamo. Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. Todos de bocca aberta.

Por que?...

O meu raciocinio, confuso e baralhado, começou a mover-se. No começo uma alegria indefinida, depois uma felicidade tumultuosa, foi me invadindo. Uma satisfação incontinida de comprehender que tinha me vingado. E não pôde resistir a onda de prazer que inundára o meu corpo e que transbordava pelos póros: puz-me a gritar infantilmente, no paroxismo do meu entusiasmo:

— Quebrei, quebrei o lampeão!...

Hugo.

NOTAS SCIENTIFICAS

Foi publicado hontem em Bèrlim, o seguinte comunicado:

São Paulo, 3 (óvas) — Communicamos da Faculdade de Medicina desta cidade, ter sido descoberta allí uma nova toxina cuja acção é bastante evidente sobre os centros motores dos dedos dos professores e assistentes no momento tragico de lançar a nota de exame. Trata-se da "Badalina" principio toxico produzido pelos germens do genero "Badalococcus" especialmente os das especies "Badalococcus assistentium" e "B. cathedratico".

As culturas violentissimas, inoculadas em calouros produziram effeitos extraordinarios, havendo approvações em massa.

A toxina, que após laboriosas pesquisas conseguiu ser isolada, acha-se á venda em ampollas de 2 cc. com os srs. Octavio e Nelson, do 3.º anno, Plinio Barreto e Arnaldo Pedrozo, do 5.º.

Uma das caracteristicas mais interessantes desta toxina é o facto de agir ella em doses parciais e durante um anno.

Parece provado que esta toxina tem acção decisiva sobre as "tatoranas". Está ainda em estudo a sua acção sobre as "phócas"

Pé de Madura e Von Toura.

NOTICIARIO

Foi eleito chefe da Maternidade de São Paulo, o nosso consocio dr. Benedicto Machado Tolosa, assistente da Clinica Obstetrica da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Pela feliz escolha do dr. Benedicto Machado Tolosa, para chefe da Maternidade, reconhecendo nelle uma reputada sabedoria e uma alma philanthropica, os que o elegeram, não fizeram mais que premiar os seus serviços e o carinho com que tem tratado tudo que se liga á Maternidade. Por isso "O Bisturi" dando esta noticia, presta uma homenagem e ao mesmo tempo felicita-o, aumentando deste modo o numero dos parabens recebidos pelo dr. Benedicto Machado Tolosa.

BANQUETES

Realizar-se-á brevemente um pan-tagruelico banquete no bar da Escola. Essa cerimonia patrocinada pela cadeira de Physiologia, será levada a effeito em regosijo pelo feliz desenlace que teve o famoso trabalho do dr. Dutra: "Estudos succintos sobre a potabilidade e a engarrafabilidade das aguas do Araxá". Esse trabalho que vinha se executando ha 10 longos annos, alcançou ha pouco seu epilogo com as seguintes conclusões: 1.º — As aguas do Araxá podem ser bebidas por qualquer particular; 2.º — As aguas do Araxá podem ser engarrafadas por qualquer agencia exploradora.

Durante o ágape discursarão varios prosadores.

O dr. Paula Santos recreativamente, fará uma demonstração pratica, da solubilidade das gorduras no xylol.

O dr. Paula Santos recreativamente entorpecimento post-banquetario dos assistentes, lerá seu ultimo trabalho: "Dos elementos figurados circulantes do sangue da taturana (lacerta rampantis)."

EPHEMERIDES

O professor Souza Campos patinador e archeologista de renome, a serviço do Centro Academico "Oswaldo Cruz", achou nesta data, dois annos atraz, nos terrenos da Escola, quando enterrava um descendente trypanosomatoso de sua extincta cadellinha — uma amphora metallica de tamanho descommunal e que ora occupa uma área soffrivel da séde de nosso centro como taça conquistada numa apocrypha competição esportiva.

O professor pretendia incorporar a amphora ao material de seu laboratorio como panella para fazer caldo e outros meios de cultura, porém o dr. Carlos Costa, ex-presidente do C. A., conseguiu adquirir o precioso vaso, mediante a modica quantia de \$500 por kilo de metal.

Ficou então o nosso Club, — por 2\$400, em posse de um nova taça. Esse preço foi avaliado mathematicamente por meio duma balança e do dr. João De Lorenzo, cirurgião mathematico.

Leishmania.

PREÇOS

Primeira : ultima paginas:	
Toda	300\$000
Repetição	250\$000
Cm. por columna	3\$000
Idem, repetição	2\$500
Paginas intermediarias:	
Toda	200\$000
Repetição	150\$000
Cm. por columna	2\$000
Idem, repetição	1\$500
Os preços de meia pagina e quarto de pagina seguirão a tabela proporcionalmente.	
Gozarã de abatimento de 20 % quem tomar uma assinatura de anuncios.	

EPITAFIOS

JOÃO MARQUES

Morto o "pequeno" Joãozinho
Não se encontrou um caixão.
Cortou-se então, pobresinho,
A ponta do seu dedão.

Mag. Netto

PLINIO BARRETO

Quando o Plinio der o fóra,
Deste mundão, num abalo,
Brotará na sua cóva,
De certo um pé de badalo.

Mag. Netto

SECCÃO LITERARIA

ROTULOS APENAS...

por GIL SPILBORGHES.

UMA FLOR

Não chegou às minhas mãos. Nem esteve sob a carícia triste dos meus olhos...

Perdeu-se por ahí. Como tantas cousas na vida. Não veio augmentar a minha saudade. Não veio adoentá-la lembrando você.

Seus lábios que a beijaram, seu olhar que a olhou longamente para que eu, quando a tivesse na concha das minhas mãos ainda recordasse você, não viveram na minha memória, nem moraram no meu interior...

Não chegou ao seu destino. Despejalou-se por ahí, sem finalidade.

Perdeu a sua róta. E como flôr, morreu symbolisando uma saudade...

MULHER...

Tinha uma vóz de aquario. Crystalina, suáve. Só pensava em grandezas. Nunca pensou no amor. Nunca chorou por alguém. Gastava, gastava o dinheiro dos outros loucamente, para não se aborrecer delles.

Gostava de lêr. Seus livros predilectos eram os de Pierre Loti. Quando os lia passava invariavelmente cinco dias entediada. No sexto dia, reaparecia mais alegre do que nunca. Ressurreição.

EPITAFIO

ARNALDO PEDROSO

Quando o Arnaldo noutro dia,
Pra tumba foi carregado!
Levou uma "pelle macia".
Um germen e um advogado!

Mag. Netto

Gostava extranhamente de pensar e entristecer por qualquer cousa.

Até por causa de um sonho.

Era adoravel! Porque só sabia mentir. Mentia com tal convicção que a

gente ficava certo que era sincera. Por isso todas as suas mentiras foram verdades.

Nunca poudo, portanto, ser sincera. Não acabou como eu sempre lie di-

Pra voce Recordar...

Versos de GIL SPILBORGHES.

Ainda era você menina.
Era eu ainda menino.
Quando nasceu pequenino
O nosso singelo amor.

O amor nascido em creança,
Faz nossa vida tão doce,
Nascido como si fosse
Longe do mundo da dôr.

E da vida inexperiente,
Nunca julguei, entretanto,
Que tambem a dôr e o pranto,
Juntos com amor fazem par.

E você foi bem mulher...
Você me enganou sorrindo,
Você me beijou mentindo
Pra minha alma espedaçar.

Hoje que eu tão bem diviso
Quão mentiroso era o amor
Que você me fingiu, louca,
Um leve e amargo sorriso
Mixto de lagrima e dôr,
Tremula na minha bocca.

A mesma bocca tristonha
Que tão brejeira e risonha,
Cheia de amor que acabou,
Mentindo você beijou.

ACONTECIMENTOS SOCIAES

Surpreendeu-nos ha dias uma agradável noticia, a qual veio provar-nos de que ainda existe brio entre os habitues do nosso magnifico predio medico.

Como todos sabem, sahio na secção livre do ultimo numero do "Bisturi", secção essa constituída pela totalidade do jornal — o artigo denominado, "Pelle macia". Esse artigo, obra prima da oratoria virulenta do nosso precioso collaborador Eduardo Maffei, mais conhecido nas rodas litterarias por Bocca de Ouro ou Chrysostomo, e todo elle composto no mais castigo estylo pañsiano, desagradou sensivelmente ao seu destinatario ou seja ao dr. Arnaldo Pedroso.

Este n'um gesto alto digno da antiga Esparta, para tirar uma vingança exemplar do brilhante pamphletario, autor daquella immortal pagina de critica, resolveu processar o nosso digno director — o dr. Gil Spilborghes.

A principio ficamos estarecidos ante o passo dado pelo nosso pundonoroso collega que num revide justo contra o altissimo autor de "Hontem, hoje, amanhã e depois", (ver o 1.º numero do Bisturi) resolvera trancafiar a cabeça docente desta folha.

Logo depois, porém, demos os primeiros passos na ancia de salvaguardar o sr. Maffei de um gesto menos digno da parte do dr. Pedroso, gesto esse que poderia facturar a carreira litteraria ainda incipiente do talentoso Edúardinho, esse hypocritico Chrysostomo que diz no idioma patrio, cousas que Vieira — o Chrysostomo de Alem-Mar, jámais conseguiu formular á despeito de todo seu traquejo philológico.

TROVA

E' com certeza alguma intriga.
E' mentira, Inah, com certeza,
Que dentre os vermes a lombriga
Ganhou um concurso de belleza.

L. Mesmo.

Para isso organizamos uma Commissão que levará diariamente, nas enxovias da Capital, palavras e comestiveis de conforto ao nosso infeliz director. Ao mesmo tempo contractamos os serviços profissionaes de conceituado galeno-jurista dr. Raul Braga que certamente com sua palavra facil, seu estylo insidioso e fluente, com a força de seus biceps reduzirá a movimentos brownianos, as attitudes da parte contraria.

JORGE AMARAL

A cidade tem jardins onde o povo vae respirar; a alma dos vagabundos é o jardim onde descança o burguez.

Os poetas são odiados porque ninguem vive sem elles, mas, mesmo assim, elles vivem para todo o mundo.

E sua vida é o soffrimento estoico de uma abnegação consciénte.

Mas a simplicidade de um vagabundo está mais perto dos anjos que o trabalho de um plutocrata judeo.

Hugo

O QUE NÃO VI...

por MUSICA.

Num exame de histologia o dr. Dreyffus colloca uma lamina de espermatozoides e passando o microscopio ao Primavera: "Seu Primavera, o que é que o sr. vê na ponta da seta?"

Primavera afobado, leva o olho á obojectiva e... moita.

— "Mas seu Primavera, o sr. não vê ahí uma cellula com uma cabeça enorme e uma cauda alongada caracteristica?"

Vejo perfeitamente, Dr.

— "Pois então, o que é?"

Um sorriso victorioso do Primavera: "Ah! é um gyrino"
dido: "Foi elle quem te fez formidido: "Foi elle quem tem fez formoso"...

Krilenko.

EPITAFIO

PAULO GORDO

Num dia triste e chuvoso,
Morrendo como um qualquer,
Levou no olhar, amoroso,
Lindo perfil de mulher.

Mag. Netto

Academicos PAULISTAS!

São Paulo espera que
cada PAULISTA soldado
seja um eleitor
PAULISTA!

zia, numá aventura tragica, com tiros de revolver e suicidio. Nada disso.

Um dia fugiu, disseram, com um velho millionario. Todos acreditaram. Mentira. Havia deixado o mundo pela porta larga da esperança, para occupar a céla estreita dum convento.

Aos domingos, para quem conhecia a sua vóz de aquario, houvria na missa do convento tuma vóz conhecida. Todos conheciam a sua belleza e o seu corpo maravilha. Sua vóz não. Que vale uma vóz afinal?

Podia ter dito uma porção de verdades como disse mentiras.

Mas não quiz.

Preferiu ficar desconhecida.

SAUDADE

Você veio vindo devagarinho do passado. Primeiro os olhos, depois os cabellos, os labios vermelhos, a vóz e o seu riso argentino. Veio vindo, crescendo, crescendo, neste meu presente tão do passado ainda feito.

Ficou nitida na minha recordação toda a sua imagem.

Você inteirinha como eu amei.

Os seus gestos, as suas attitudes, o seu modo brejeiro de me olhar, de me reprehender, boliram doloridamente na minha sensibilidade. E assim perdido inteiramente o pensamento na sua lembrança, comecei a sentir que nunca a havia amado tanto, como nesse morriente, na minha saudade.

EPITAFIO

CELSO PEREIRA DA SILVA

Quando já na extrema unção,
"Esticar" o "Massudinho".
Será preciso um caixão
Do tamanho de um anjinho.

Mag. Netto

EPITAFIO

AGOSTINHO FERRAMENTA

Com medo, pelle arrepiada
Lá se foi o portuguez.
Ferramenta, enferrujada,
Tambem chegou sua vez.

Mag. Netto

CINEMAS

Phenix — "O ladrão do Correio" — O drama pungente que revela todas as baixeiras humanas dissimuladas sob a capa hypocrita da mansidão e da lhaneza. Film de prophylaxia social. Réprise pela sempre lembrada dupla Horacio Di Lallo-Gerson Novah.

Alhambra — "O maluco da Avenida" — Pelo astro socialista José Primavera.

Cambucy — "Monstros" — Verdadeiro Museu de Teratologia. Film altamente instructivo. Direcção de Von Taturany, com o seguinte cast: — J. Altenfelder, J. Alayon, Emilio Zola, Claudino Amaral, Aluizio Camara e Bomfim Pontes.

Avenida — "El fortin de Boquerón" — Film falado em dialecto paraguay, com aspectos da guerra do Chaco, pelo sastros bolivianos Aldo B. De Finis e Idel Becker.

Paramount — "O quinto cavalleiro do Apocalypse" — Film hypico, pelo grande medico-cavallariano Francisco Pinto Lima.

America — "Tarzan, o homem macaco" — Film selvagem, pelo astro da natação, Joaquim Lacaz.

Orion — "O filho do Sheriff" — Film infantil com o garoto da téla, Nelson T. Piza.

EPITAFIO

MACEDO

O Macedo bem cansado
E da vida já no fim.
Talvez vá phantasiado
Com azás de seraphim.

Mag. Netto